

» Entrevista | **JOSÉ SARNEY** | EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA**“Nós devemos comemorar”**

Ana Dubeux



Com Tancredo, dias antes da posse: preocupação com militares

Ana Dubeux



Sarney presta juramento em 15 de março de 1985: país em choque

Ana Dubeux



Passagem de faixa para Collor: impeachment foi momento crítico

O 8 de janeiro foi um dos piores momentos para o Brasil?

Aquilo foi uma coisa lamentável, terrível, que chocou a todos nós. Mas eu acho que, estruturalmente, não foi o momento mais difícil que nós tivemos. Os momentos mais difíceis foram realmente os processos do Collor — o da Dilma não, que foi um processo meio forçado. O processo do Collor foi difícil porque vinha logo da saída da transição. Ele tinha me atacado muito, e os nossos índices econômicos não tinham sido bons naquele momento. Então, foi muito difícil. Outro momento difícil foi fazer as eleições presidenciais naquele tempo que o Lula ganhou a eleição. A meu ver, foi muito mais sério do que esse problema atual. Nesse episódio do 8 de janeiro, de certo modo, eles começaram por uma baderna. Os outros problemas nasciam na parte estrutural das lideranças do país.

E sobre a anistia aos neogolpistas?

Esse é um problema do Congresso. De avaliação política, vamos dizer, eu já estou na fase de garantias, né? (Risos)

Mas tem gente que diz: “Se não tiver anistia, não tem pacificação do país”. E outros dizem que, com anistia, aí é que haverá guerra. Haverá guerra mesmo?

Esse processo de enfrentamento é deformado, mas faz parte da própria democracia — que tem seus problemas. Vejam vocês agora os Estados Unidos. Que problema eles estão vivendo com o Trump, né? Problemão.

O Trump vai ajudar Bolsonaro nesses processos aqui do Brasil?

O Trump tem uma personalidade de prejudicar os personagens do mundo. Nunca ele se envolveu em ajudá-los. Nem os aliados dele, que são ocasionais.

O que vem pela frente com Donald Trump, que, em um mês, já botou o mundo meio que de cabeça para baixo?

Nunca pensei que os Estados Unidos tivessem um presidente ou chegassem a um momento em que eles também tivessem um movimento popular de invadir o Congresso para forçar o não reconhecimento pelo Senado Federal do presidente da República, conforme a Constituição americana. Era uma coisa que eu jamais podia pensar. Entretanto, fizeram. E nós estamos com um presidente da República condenado em processo judicial. E a própria sociedade americana no momento já está colocando Trump como rei.

No seu artigo publicado sexta-feira no Correio, o senhor fala de ódio. Ódio, não.

Evidentemente, porque a gente vê no país uma radicalização inaceitável. O Brasil não é para isso. O brasileiro cordial, que se falou tanto, está na raiz do Brasil. Nós não temos vocação para esse radicalismo. Ele é antiBrasil.

Mas está difícil sair desse radicalismo, hein?

Eu volto ao Deng Xiaoping. O tempo vai nos tirar do radicalismo, e esses grupos vão ver que isso não leva a nada. E terão de aparecer líderes que vão se formar no Brasil.

Mas o senhor já enxerga essas lideranças novas?

Elas podem crescer, se afirmar e se projetar em termos de futuro. Eu vivi um período áureo de lideranças. Graças a elas, eu vi, ao longo do tempo, nós atravessamos problemas como o suicídio de Getúlio, a renúncia do Jânio, a posse do Jango. Em tudo isso, eu participei como assistente algumas vezes, outras vezes como testemunha, e outras como protagonista até.

Como avalia o terceiro mandato do Lula? Ele já esteve com o senhor?

O Lula, e eu o apoiei por isso, foi o primeiro presidente operário no Brasil. Não podemos mais nos queixar sobre os elitistas. Tivemos general, tivemos advogados, médicos, sociólogo, tivemos todo mundo. E tivemos um operário. Eu achei que isso

Ana Dubeux/CB/D.A Press



Ana Dubeux/CB/DA Press



É o maior período de democracia que já tivemos sem hiato. Devíamos fazer uma comemoração grande, porque essa comemoração fortifica a democracia”

coroava o regime e a transição que nós tivemos para a democracia. Eu fiz uma amizade com ele que, hoje, não é quase política, é pessoal. Porque velho gosta de consideração, e ele tem muita consideração comigo. Eu disse a ele: “Presidente Lula, velho gosta de agrado e gosta de ser bem tratado. O senhor não precisa mais (de mim como político), não tenho mais ingerência nenhuma”.

O senhor, inclusive, o acompanhou depois que ele passou a faixa presidencial para Dilma Rousseff.

Foi uma demonstração de amizade e de reconhecimento pelo governo que ele tinha feito. Ele pacificou o país.

Que diferença o senhor vê entre o Lula do primeiro mandato, do segundo e do atual?

Olha, Denise, você vai me desculpar, mas eu não vou fazer julgamento. Essa pergunta é mais contra mim do que contra o Lula. (Risos)

Voltando a 1985. Qual é a lembrança mais forte daqueles dias históricos?

Eu tenho uma lembrança muito forte da grande figura do Tancredo Neves. Porque foi ele que possibilitou a transição democrática. Ele foi escolhido candidato porque não se chocava com a área militar nem com os grupos políticos opostos a ele. Então ele possibilitou que se fizesse essa união.

O senhor se recorda de algum episódio particular?

Quando participamos da escolha do Tancredo para a presidência, o processo passava por Aureliano Chaves (então vice-presidente da República), que era seu adversário em Minas Gerais. Quando eu, o Jorge Bornhausen e o Marco Maciel fomos ao Aureliano, ele disse: Eu quero uma carta do Tancredo, se comprometendo comigo. Porque eu conheço o Tancredo de Minas Gerais, etc”. Aí eu, pelo menos, disse: a coisa está perdida, não vamos fazer porque o presidente Tancredo não vai querer fazer carta.

E o que aconteceu?

Quando chegamos no Tancredo, fomos surpreendidos. Ele disse: “Oh, mas Aureliano sabe, eu vou fazer imediatamente a carta. Aureliano deve saber que nós, em Minas, só fazemos uma carta quando recebemos a resposta antes”. (Risos) Esse era o Tancredo, né? E ele fez uma carta muito boa e que não dizia nada. (Risos). E Aureliano não nos mostrou a carta; quem nos mostrou foi o próprio Tancredo. Ele era

Arquivo pessoal



Sarney recebe um beijo da mãe, Kiola, na ABL. No Maranhão, quando nasce uma criança, as parteiras pedem “academia”

né?” Porque Aureliano era também um homem de temperamento forte. Aí, ele disse: “Tancredo, você é o presidente. Se você fez essa escolha, está feita”. Saímos eu e Aureliano. Na saída, Tancredo me disse uma única coisa: “Eu estou dizendo que estou com problema de garganta, para que esses jornalistas não me persigam”. Eles estavam na porta. E assim era o Tancredo. Ele tinha muitos gestos de conciliação, mas ele não transigia das coisas que ele achava que eram de sua atribuição.

E com os militares?

Também conversei muito com ele sobre o problema de nós pacificarmos a área militar. E ele também estava de acordo. Ele tinha colocado o comandante em Minas Gerais e pedido ao Geisel para indicar o nome do SNI. Então, ele tinha tido o cuidado de cobrir essas áreas todas.

Ele também estava preocupado com os militares?

Sim. Aliás, era muito justo. Por aí era que passaria a nossa transição. Nós teríamos que ter o apoio deles para poder atravessar os problemas que eu tive que enfrentar, e não o Tancredo. Essa dificuldade caiu no meu colo.

Quando foi que o senhor caiu na real?

Quando eu tive que ser o presidente da República. Eu nunca pensei nisso. No Maranhão, quando se nasce, se pede “Academia”. As parteiras até já conhecem, os meninos choram ‘Academia’, e não a presidência, né? De repente, eu era o presidente da República. Isso me fazia profundamente perplexo. Quando me comunicaram a morte do Tancredo, eu saí para chorar e orar.

Como foi conviver com ministros que o senhor não tinha escolhido?

Eu encarnei o próprio Tancredo. Comecei a dialogar.

Por que se deve comemorar a redemocratização?

Nós devemos comemorar. Eu, inclusive, disse ao presidente Lula sobre os 40 anos de democracia. É o maior período de democracia que já tivemos sem nenhum hiato. Devíamos fazer uma comemoração grande, porque essa comemoração fortifica a democracia. Não é uma comemoração por comemorar. Nós devemos ficar felizes porque estamos chegando aos 40 anos. Mas, ao mesmo tempo, isso significa que nós estamos pedindo ao povo brasileiro, à história, a tudo, a continuidade do regime democrático e as excelências desse regime.

Falou com mais alguém?

Também falei com o presidente da Câmara de que devíamos ter comemorações nesse sentido. Eles me convidaram para uma comemoração muito grande no Panteão da Pátria, que vai ser feita pela Fundação Astrojildo Pereira.

Como o senhor espera ser julgado pela História?

Eu acho que o meu lugar é o daquele homem que foi surpreendido pela morte do Tancredo e conseguiu transmitir ao Brasil a consolidação do regime democrático. Acho que, nesse ponto, eu tenho uma grande participação. O meu temperamento e a minha formação intelectual ajudaram o Brasil naquele momento. Atravessi todos os instantes procurando fazer essa transição, sabendo o que ela significava para o Brasil. Eu tenho, de certo modo, algum conhecimento de História. Tinha vivido muito a experiência, participei de muitos governos, tinha enfrentado muitos problemas. Então, eu julgava que sabia o que ia enfrentar. Estava preparado para isso.

O que o senhor fez?

Aí, eu fiz o Plano Cruzado, que não era apenas um plano econômico, era também um plano político. Sem o Plano Cruzado, não teríamos levado a Câmara, o Senado e os governadores a dar suporte a uma Constituinte. Fazer uma constituinte numa transição democrática é uma coisa que não se viu em lugar nenhum do mundo. Nenhum país da América Latina fez. E nós proporcionamos isso. Eu e o Alfonsín (Raúl Alfonsín, ex-presidente da Argentina), com o Mercosul, exigimos a cláusula democrática. Além de Portugal e Grécia, foram transições democráticas muito visíveis naquele tempo.

O senhor recebeu muitas críticas em vários momentos.

Essas críticas todas eram destinadas à sucessão presidencial. Nós tínhamos muitos candidatos: Brizola, Covas, Fernando Henrique, Montoro, Ulysses. Esses candidatos todos estavam querendo que tivéssemos a eleição logo, o mais rápido possível. Eles estavam interessados em apressar a eleição, enquanto eu e Ulysses, preocupados com a transição democrática. Por isso que, de certo modo, ele julgava que no momento em que proclamasse a Constituição, o povo brasileiro iria reconhecê-lo. Tanto que o Collor uma vez chegou a ele e disse: “Dr. Ulysses, o senhor não acha que eu posso ser seu vice-presidente?” Ulysses respondeu: “Cresça e apareça”.